**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA**

**CENTRO DE APOIO COLIDER-MT**

**AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DE ALFABETIZAÇÃO**

ANGELA MARIA DE OLIVEIRA

ADRIANA FARIAS DA SILVA

LUCINÉIA FARIAS

**COLIDER-MT**

**2013**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA**

**CENTRO DE APOIO COLIDER-MT**

**AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho apresentado como parte das exigências da Universidade de Licenciatura Plena em Educação Básica de 1ª a 4ª série do 1º grau, através da modalidade de educação a distância sob orientação da Professora Sidney de Fátima Maestá Agostinho.

**COLIDER-MT**

**2013**

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo refletir e adquirir fundamentação teórica relacionada ao fazer pedagógico, pretendendo desencadear discussões principalmente ao que se refere às concepções de linguagem no livro didático de alfabetização as quais trabalhamos, sendo utilizada como instrumento de coleta de dados a pesquisa bibliográfica e observação nas atividades prática desenvolvida na escola, verificando as concepções do corpo docente da referida escola sobre leitura e entrevista com os alunos do ensino fundamental sobre a leitura, levantando e comparando os números de alunos que visita a biblioteca para a leitura buscando assim comparar as variadas formas de leituras utilizadas pelos professores. Podemos concluir que a biblioteca escolar é um espaço em que as crianças e jovens encontram material para complementar sua aprendizagem e desenvolver sua criatividade, imaginação e senso crítico, é com o envolvimento da comunidade escolar que temos maior êxito no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

**Palavras-chave:** (1) Leitura. (2) Alfabetização. (3) comunidade escolar

ABSTRACT

This study aimed to reflect and acquire theoretical related to teaching , intending to trigger discussions mainly with regard to conceptions of language in literacy textbook which we work , being used as an instrument of data collection and observation in the literature practice developed in school activities , checking the conceptions of the faculty of that school about reading and interview with elementary students about reading , lifting and comparing the numbers of students who visit the library for reading thus seeking to compare the various forms of readings used by teachers . We conclude that the school library is a place where children and young people find materials to supplement their learning and develop their creativity , imagination and critical sense , is the involvement of the school community who have greater success in the development of student learning.

**Keywords :** ( 1 ) Reading . ( 2 ) Literacy . ( 3 ) school community

**INTRODUÇÃO**

Compreendendo que nossa realidade exige novo fazer pedagógico, mediador da mudança e transformações, cabe a escola orientar o aluno para um futuro melhor podendo viver em sociedades.

Acreditamos que tudo isso é uma proposta que deve estar claro a cada um de nós professores preocupados com o ensino e aprendizagem do aluno. O objetivo de nossa pesquisa é refletir e adquirir fundamentação teórica relacionada ao fazer pedagógico, pretende desencadear discussões principalmente ao que se refere às concepções de linguagem no livro didático de alfabetização.

Embora envolvidos com o ambiente escolar, participando de leituras, reuniões são muitas as dificuldades e dúvidas sobre o material didático a ser utilizado em sala de aula.

Esperando contribuir na prática educativa temos a finalidade de: verificar nos livros didáticos de alfabetização os textos verbais percebendo as concepções de linguagem que embasam e como este é utilizado pelo professor observando-se o texto estabelece interlocução entre autor leitor.

Os textos produzidos nesta pesquisa estão definidos por temas destacando em primeiro momento a fundamentação teórica que tem por objetivo apresentar novos conceitos, quanto ao processo de alfabetização, juntamente com as concepções de linguagem no livro didático, pois acreditamos que o professor- precisa-se apropriar desse conhecimento.

No segundo momento apresentamos os dados obtidos através de entrevistas sobre concepções no livro didático destacando-se a influência na pratica pedagógica.

Logo em seguida nas considerações finais o texto aborda nossa opinião fundamentada nas leituras como também relacionadas a entrevistas.

Esperamos que este trabalho venha despertar para outras reflexões, discussões sobre as que embasam os materiais didáticos de alfabetização.

1. **REFLETINDO SOBRE A ALFABETIZAÇÃO**

Percebemos que o processo de alfabetização é muito complexo, estudos aprofundados e relacionados a como a como se da o aprendizado de leitura e escrita, leva a pensar sobre a definição etimológica do processo de alfabetização que se reduz a uma esfera mecânica, na qual “alfabetizar-se” está vinculada a habilidades de codificação (de representação de escrita, de fonemas e grafemas) e decodificação ( ou representação oral de grafemas em fonemas), mas é também formar cidadãos críticos para formarem em sociedade.

*Freire e Macedo( 1990,p X!!) “propõe que se vá além dessa compreensão rígida e que se comece a encarar a alfabetização como “ uma realidade entre os educando e o mundo, mediada pela prática transformadora desse mundo, mediada pela prática transformadora desse mundo, que tem lugar precisamente no ambiente em que se movem os.*

Se nós professores entendermos a alfabetização no sentido mecânico em apenas formar alunos capazes de ler e escrever, sem dúvida não vamos ter a consciência e conhecimentos suficientes para escolher o nosso material didático para suprir as necessidades dos alunos não descartando a essa habilidade, mas se tivermos um conhecimento mais amplo como professor alfabetizador e compreender algumas diferenças que há em formar alunos letrados e alfabetizados teremos bons resultados.

*“letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas”. Soares, in: revista, o que é letramento e alfabetização. (1999)*

Diante dos estudos feitos, refletimos como tem sido a alfabetização na escola sem termos formados cidadãos letrados ou alfabetizados; se temos preparado o aluno no sentido de grafar e perceber qual é o som apenas, percebemos que a escola ainda esta preparando aluno no conceito de alfabetização, pois está num processo lento, mas que não se esgota; é necessário sim ler e escrever, mas deve estar em um processo de desenvolvimento a preparar cidadãos letrados, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sócias da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado, dotado de uma multiplicidade de habilidade, comportamentos e conhecimentos, para que haja interação do saber entre professor, aluno e pais e do mundo fora da educação, capaz de refletir e agir sobre situações do seu tempo.

*“A escrita é um instrumento social e não uma técnica neutra. Não adianta fazer uma campanha de alfabetização sem mudar as condições de saúde, habitação e alimentação. Temos que fazer duas coisas: uma luta pela mudança das condições sociais e econômicas e utilizar a alfabetização como instrumento de mudança social.” (soares, in: revista Nova Escola, Mar, 1990).*

Formar alunos competente para viver no mundo contemporâneo exige uma nova postura do, exige que ele desenvolva as competências acima descritas, que se torne apto, no que diz respeito à escolha e ao uso de materiais didáticos. Tudo que se ensina na escola está diretamente ligada à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver. Assim como a maioria do que se deve aprender na vida terá grande influência, através de leitura fora da escola. Por isso, ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos, mas até fonético. Sendo um processo de descoberta do saber científico.

Desenvolver o processo de alfabetização na educação básica é formar alunos que saibam comparar, criticar, argumentar, estabelecer todo tipo de relações, pessoa apta a continuar aprendendo, a escolher e sustentar escolhas, a exercer seu papel de cidadão, capazes de saber seus direitos e deveres. “É preciso alfabetizar letrando”. Mas o professor também considerar a alfabetização, no sentido de que aluno vai para a escola querendo precisando aprender os símbolos e códigos, possibilitando incluir no mundo letrado.

“Não se deve atribuir significado demasiado abrangente à alfabetização, considerando-o um processo permanente que se estenderia por toda a vida, que não se esgotaria na aprendizagem da leitura e da escrita”. É verdade, que de certa forma a aprendizagem da língua materna, quer escrita quer oral, é um processo permanente, nunca interrompido. Entretanto, é preciso diferenciar um processo de aquisição da língua oral e escrita de um processo de desenvolvimento da língua (oral)

* 1. **AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGENS**

Diante da reflexão sobre o processo de alfabetização, a professora ao desenvolver sua prática pedagógica precisa ter como clareza sobre as concepções de linguagem a , pois educar é transmitir ideias, conhecimentos que através de uma prática podem transformar ou conservar a realidade. A educação é a mediação entre teoria e prática.

*“A teoria em si... não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar com seus atos reais, efetivos, tal transformação... uma teoria é a prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação.” (Vasquez, 1968).*

No caso do processo de alfabetização, uma resposta ao “para quê”, envolve tanto uma “concepção de linguagem” quanto uma “postura com relação à educação”, uma e outra se fazem presentes na articulação metodológica.

Considerando a questão da concepção de linguagem, apesar dos riscos da generalização, três concepções são apontadas:

1. A linguagem como expressão do pensamento: esta concepção ilumina basicamente os estudos tradicionais. Se concebermos a linguagem como tal, somos levados a afirmações correntes de que pessoas que não conseguem expressar-se bem não pensam. O ensino tradicional ou prescritivo tem como suporte a concepção que identifica linguagem como expressão de pensamento, como um ato puramente individual, sem levar em conta diferentes variedades linguísticas. Ex. o professor tem sua prática baseada no sentido de ensinar os alunos a substituírem seus padrões de atividades linguísticas por outras consideradas certas ou erradas.
2. A linguagem como meio objetivo para comunicação- esta concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor uma certa mensagem. Em livros didáticos, esta é a concepção confessada nas instruções ao professor, nas instruções, nos títulos, embora em geral seja abandonada nos exercícios gramaticais. O ensino, a gramática estrutural busca seus fundamentos na linguística estrutural e na gerativa transformacional, tendo, presente, portanto a questão da variedade linguística em nível teórico. A gramática preocupa-se em descrever e revelar relações que se estabelecem entre os elementos do sistema linguístico, nos seus diversos níveis (fonológico sintático e morfológico).

Ex. exercícios, siga o modelo.

1. A linguagem como processo de interação verbal – mais do que possibilitar uma transmissão de informação de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana:

O ensino produtivo tem como pressuposto os fundamentos da linguagem enquanto processo de interação verbal e, por consequência, embasamento em diferentes gramáticas.

Esse ensino busca colocar o aluno em situações efetivas de uso da linguagem. A escola deve dar oportunidade para aluno aprender uma variedade de língua, sempre tendo em vistas diferentes desafiadoras vividas pelo aluno e este deve adequar-se conforme necessidade a esta situações. Como aponta Magna Soares (1983), “de um lado há os que pretendem que a escola deva respeitar e preservar a variedade linguística das classes populares, e sua peculiar relação com a linguagem, consideradas tão validas e eficientes, para a comunicação, quanto a variedade linguística socialmente privilegiada. Neste caso, a escola deveria assumir a variedade linguística das classes populares como instrumento legitimo do discurso escolar (dos professores, alunos e do material didático). Por outro lado, há os que afirmam a necessidade de que as classes populares aprendam usar a variedade linguística a manter com a linguagem, a relação com a classe dominantes, e ela mantém, porque a posse da variedade constitui instrumento fundamental e indispensável na luta pela superação das desigualdades sociais”.

Entretanto, uma coisa é saber a língua; isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra, e outra coisa é saber analisar uma língua dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua se apresentam suas características estrutura, de uso. Entre estes dois tipos de atividades, é preciso optar pelo predomínio de um sobre o outro.

No território brasileiro convivem diferentes grupos sociais, com características étnicas e culturais distintas, permeadas por grandes desigualdades socioeconômicas. Vivemos num país que se apresenta cheio de contradições sociais discriminatórias, aliadas a prática excludente, gerando injustiça social e violência. País que também se apresenta com grande riqueza, a escola pública tem neste momento uma função muito importante, primeiro porque é o espaço em que podem conviver crianças jovens de origens e níveis socioeconômicos diferentes, com costumes e visões de mundo diferentes, e também o espaço publico para a vivência democrática com a diferença e finalmente porque é a escola a instituição criada para apresentar ás crianças jovens os conhecimentos acumulados e sistematizados da história do país e da humanidade democratizando assim o acesso ao saber produzindo pela classe dominante.

1. **REFLETINDO E ANALISANDO O LIVRO DIDÁTICO**

Como profissionais da educação preocupadas com o ensino e aprendizagem nas séries iniciais, principalmente das crianças que residem no campo, procuramos analisar fundamentado em leitura e através de questionário escrito como é feito a escolha de material do material de apoio pedagógico pela professora do 1º ciclo, 1ª fase e 2ª fase da E.E. Palmital que se localiza numa comunidade rural, situada a 65Km (sessenta e cinco quilômetros) da sede de Colider, onde a mesma apresenta uma estrutura física que comporta 8 (oito) salas de alvenaria. A mesma beneficia alunos que residem até 30 Km ao seu redor.

Após analisarmos o questionamento de como é feita a análise para adotar um livro. Percebemos que esta escolha é feita através da capa, título, editora, autora, tipo de papel, grau de estudos das autoras, objetivos em escrever, tipo de linguagem e concepção que o livro oferece.

Para nós, ao adotarmos um livro temos que ter muita clara as concepções de linguagem percebemos que a análise do livro se torna muito complexa, pois ainda não estamos muito preocupadas para tal. Por outro lado, para que se faça uma boa análise deve-se dialogar em equipe, no coletivo que integram a Escola. Discutir o assunto e principalmente com tempo suficiente, porque o importante não é só a beleza exterior, mas sim o que os textos oferecem para trabalhar o contexto da criança.

Sobre a seleção do livro didático, foi feita juntamente com a assessora pedagógica, coordenadora e os professores que estão envolvidos no processo de escola citada, embora ocorreu de forma coletiva em grupo.

Sabemos que a escolha do livro didático nem sempre vem de acordo às necessidades dos alunos, pois são feitas através de um grupo de pessoas que muitas vezes não estão inseridas no processo que é a sala de aula: assessores, coordenadores, MEC, distribuidoras etc.

Às vezes os professores titulares não tem opções de escolha, pois nos exemplares que vem (para a escolha), na verdade já estão escolhidos. Por este motivo é difícil escolher aquilo que julga favorável a sua prática.

Em relação às concepções de linguagem no livro didático de alfabetização “Vida Nova”, na visão de professora está em duas concepções de linguagem. Expressão de pensamento e linguagem como processo de interação.

Após analisarmos o mesmo livro “Vida Nova”, percebemos que ele está embasado na concepção de linguagem como processo de interação verbal, os textos apresentados em partes, dá a oportunidades para que se trabalhe o contexto linguístico extralinguístico do aluno.

*“Em termos gerais, a luz da teoria que se elabora sobre o ensino-aprendizagem da leitura e escrita diminui a defasagem entre aquilo que se sabe sobre alfabetização em sala de aula; na discussão corrente entre abordagem filosófica e históricas, psicológicas e psicolinguísticas, estaria faltando o crivo da análise pedagógica. “ (Kramer, 1986:30-7)*

Sobre a relação da teoria do livro com prática da professora, segundo ela utiliza o livro só para ter uma orientação, pois diversifica sua prática relacionado as atividades do livro didático com o cotidiano dos alunos, sempre em busca de objetivos que interessa aos alunos, não só para trabalhar em sala, mas também para levar o grupo aquilo que não conhecem.

**A EDUCAÇÃO É A MEDIAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA.**

*“a teoria m si... não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e em primeiro lugar, tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação... uma teoria é prática na medida que materializa, através de uma série de mediações que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade o antecipação ideal de sua transformação.” (Vasquez,1968)*

Entendemos que o livro didático é apenas um material de apoio pedagógico, que o professor utiliza para ministra seu trabalho,mas que deve ser complementado com outros meios revistas, jornais, TV, vídeos, fitas, etc.

Segundo a professora entrevistada, quanto à interlocução dos alunos e, relação aos textos verbal presentes no livro didático, é parcial, pois só será possível a interlocução por parte dos alunos, se os professores tiverem conhecimento dos elementos e características da comunicação oral, explorando dos alunos tudo o que eles sabem à respeito do assunto, num processo de interação, porque isso se dá no jogo da interlocução e nesta troca efetiva de informações e experiências que consegue trabalhar, porque o texto, as vezes, trás uma linguagem distante da realidade dos alunos.

Acreditamos que só haverá interlocução por parte dos alunos em relação aos textos apresentados no livro, após a sua exploração juntamente com o professor, que deve trazer os textos , realidade dos aluno, inserido-os em seu contexto.

*“...é já um adquirido da linguística se dizer que é um modo de ação, interacional, portanto, social e com características próprias, mas que se relacionam com as ações sociais em geral”. (Orlandi, 1987)*

Por este motivo, sugerimos a formação continuada do professor, pois percebemos que nossos conhecimentos ainda são um pouco limitados quanto aas concepções de linguagem.

Também foi perguntado ao professor como o texto verbal é trabalho, e ele responderam que faz sua exploração com conto, lenda e notícias, instigando dos alunos o que eles sabem ou já ouviram alguém contar. Propondo diversos tipos de textos como, por exemplo: Jornais, receitas culinárias, bula de remédios, etc. para favorecer a comunicação, pois acredita que estes tipos de textos estimulam a criatividade dos alunos em contar histórias de imaginação e produzir seus próprios textos, seja oral ou escrito.

Após os alunos terem feito esta interlocução, prepara-se atividades com o próprio texto para despertar atenção do que eles aprenderam.

Observamos que os textos verbais apresentados nos livros didáticos sejam trabalhados com os alunos oralmente todas as possibilidades em seus contextos.

Após explorar todas as possibilidades lingüísticas e situacionais do texto e seguindo palavras chaves, através de pesquisa, visitas enfim, de se falar e até ver desenhos, filmes, pode-se repetir as sílabas apenas como uma experiência de fixação e reforço do código escrito.

*“Ao se estabelecer este troca entre ambos, aconteceu o exercício que é inerente, próprio, da linguagem: o diálogo que confere o ato do discurso dupla função: para o locutor (escritor) representa a realidade, para o ouvinte (leitor) recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva.” (Bankhin, 1986)*

Certamente é importante o acesso dos alunos a bons livros, porém, é preciso, uma seleção criteriosa deste material, evitando se livros que discutam conteúdos e conceitos fragmentados, que apresentam estereótipos e conceitos desvinculados da vida do aluno.

Por outro lado, os livros didáticos não devem se constituir no único material de apoio de alunos e professores. A consulta a periódicos como jornais e revistas, o apoio de vídeos e construção e materiais próprios por professores e alunos são fundamentais.

Considerando que a linguagem verbal (falar, ouvir, ler e escrever) não pode ocorrer desvinculada das outras linguagens e que através dela o ser homem expressa e comunica, este visa também ao enriquecimento desse processo com a linguagem não verbal (audiovisual expressa corporal, filmes, painéis, colagens, músicas, teatro, dança, gestos, pintura, desenhos, harmonias, etc...)*Como expressa Martins (1994:111), “somando-se aos sons e palavras, essas outras linguagens são linguagens criadas na tentativa de compreender o mundo, de construir significados*”.

Isso não significa que não se trabalhe com palavras e frases; elas apenas deixam ser tratados como se fossem unidades em tornos dos quais o ensino da língua se realiza.

Analisando os textos que costumam ser considerados adequados para os leitores iniciantes, novamente aparece a confusão entre a capacidade de ler sozinho e escrever de próprio punho. Ao aluno são oferecidos textos curtos, de poucas frases, simplificados e às vezes, até o limite de inteligência.

Ao abalizarmos os materiais de alfabetização expostos ao nosso alcance, percebemos que não existe ainda o material de apoio pedagógico adequado, que traga todas as informações a ponto de atender toda a realidade inserida ao contexto do aluno, principalmente na zona rural.

Sabemos que a sociedade é dividida em duas classes sociais ( a classe dominantes que detém o poder econômico político, e a classe dominada- a que é explorada0, não há absolutamente, preocupação com a grande maioria da população. Isso se reflete na estrutura educacional, desta mesma sociedade, onde os livro didáticos oferecem em grande parte textos de leitura, baseadas na ideologias de classes dominantes.

O professor deve estar preparado para trabalhar estas ideologias, adaptando ao contexto do aluno e do meio em que vive. Dependendo da sua metodologia, se ela ( professor ) tiver conhecimento enquanto fundamentação teórica eu embasa a prática, pode ser qualquer material na mão que ela vai dar conta de explorar numa concepção que atenda as necessidades dos alunos. Acreditamos que estas concepções só terão importância, se o professor tiver clareza sobre elas, alguns textos do livro didático “Nova Vida” nem sempre dá oportunidade de compreensão e de estabelecer a interlocução entre leitor e autor, mas a professora pode fazer com que o texto se transforme em um texto interativo e adequado.

Nos textos verbais apresentados, o objetivo expostos pala autora está no sentido de fixar, soar uma leitura agradável, por isso trabalhamos através de rimas e ritmos, onde leva os alunos a primeiro momento, fixar com mais facilidade, tornando a leitura prazerosa.

Neste mesmo livro existem outros textos que oferecem possibilidades ao aluno de ampliar seu conhecimento, é possível explorar o contexto, partindo do texto:

“a árvore nos dá sombra,

Flores, frutos, alimentos,

E torna mais puro o ar.

Mas para isso acontecer

Nunca esqueça que é preciso

Plantar, regar e amar! “Cristina Porto

O livro em si proporciona, ou seja, orienta o professor a desenvolver o trabalho da contextualização explorando a significação.

Desse modo, orienta o professor para não correr o risco de o texto ficar simplesmente como seqüenciação de frases.

Percebemos então, que, as vezes, não estamos aptos para a escolha de tais materiais, vistos que não esta sendo feita somente com a professora da sala, mas sim de uma equipe, sendo que esta equipe também faz parte do MEC ou distribuidora de livros, pois as professoras, os coordenadores e assessoria pedagógicas escolhem juntos.

Analisando o livro didático, podemos observar que depende da professora em conhecer as concepções de linguagem para não tornar-se, e não utilizar esse recurso como um simples repassar de conteúdos prontos e acabados, pois o grande problema é que a escola ensina escrever, sem ensinar o que é escrever, joga com as crianças, sem lhes dizer a regra do jogo.

Os textos não tem significados nenhum, é fácil reproduzir a escrita, o difícil é compreender, entender para tornar signo na vida da pessoa da criança, textos estes que padronizam a capacidade de pensar com que todos alunos pensassem iguais.

Há textos que não se refletem a realidade do aluno, muito menos questionam, apresenta algo como pronto e acabado, sem possibilidades de interferência humana. É por essa razão, que o professor deve ter claras as concepções, para que em seu plano possa optar por uma que supra a necessidade dos alunos e de si próprio como educador.

Analisando o livro de alfabetização “Vida Nova”, contextualizando a escrita, das autoras Angiolina Bragança e Isabella Carpaneda, consideramos que a tendência é orientar para que o professor e o aluno envolvam junto o processo de alfabetização, levando-o a apropriar-se do conhecimento sistematizado, partindo da concepção interacionista, ela faz uma preparação para explorar a letra, o objetivo que deseja alcançar com seus alunos.

Assim, propõe-se a trabalhar através de textos, sem a preocupação de apresentar palavras fixar determinadas letras.

1. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A seleção e o uso de materiais didáticos constituem assuntos de muitas importâncias, seja do ponto de vista da formação inicial como da formação continuada de professores. A discussão sobre o tema se torna urgente, quando se compara o tradicionalmente praticado nas escolas, ao desejável e necessário desde a perspectiva do que hoje se coloca como desafio para a educação geral. O professor, concebido como profissional reflexivo e autor de sua prática, deve ter o compromisso de identificar e selecionar materiais que podem contribuir para reflexão sobre o assunto a ser desenvolvido com os alunos.

Nossa preocupação com o ensino da linguagem ao que se refere à alfabetização é as dimensões que privilegia o processo de interação e a relação da criança com o mundo pela linguagem; o mais importante, portanto, é o domínio do processo de significação, que implica não só as formas linguísticas, mas também elementos extralinguísticos, ligados não só a uma determinada situação imediata, mas também através dela, ao contexto social mais amplo.

Percebemos que há material farto e de qualidade dormindo nas prateleiras oficiais a que boa parte dos professores se quer sabem como ter acesso e cuja discussão se faz importante em mais de um sentido: faz parte do exercício da cidadania as discussões das propostas publicas de educação, seja para referendá-los, seja para criticá-las, obrigar a revisões eventuais correções de rumo, além disso, é impossível pensar-se na formação de profissionais da Educação deslocadas da política do país, como se entre ambos não houvesse nexo obrigatório. É preciso explicitar esse comprometimento, discuti-lo para tornar explícita também a responsabilidade do professor com relação às orientações sobre escolha do material didático-pedagógico.

Não se deve apropriar dos materiais como único recurso, é preciso que se realize constantemente um levantamento e análise dos materiais utilizados; livros didáticos, livros de consulta; textos literários e não literários; o material em si para verificar se estão de acordo com as intenções definidas pela escola e realidade dos alunos, aproveitando o seu conhecimento e não esvaziando sobre o que sabe, para que perceba o que não sabe e aprender o que a escola deseja que ele aprenda.

Por isso, os professores alfabetizadores têm uma grande preocupação na hora da escolha do material didático, isto é, se este contribui para a aprendizagem do aluno quanto ao Ler e a escrever (reconhecer a grafia e o som), pois isso é uma grande uma preocupação da maioria dos pais que não entendem ainda a importância de trabalhar de modo a explorar o entorno, a significação que envolve o ato de alfabetizar e isso implica no valor que é dado ao professor, garantindo ou não seu emprego, deixando-os muitas vezes a correr o risco, principalmente se for contratado.

Sendo assim, é preciso que o professor busque uma prática fundamentada teoricamente sendo possível argumentar, discutir e convencer a comunidade do processo desenvolvido em sala de aula.

A pesquisa levou a descobrir que hoje no Brasil o livro didático tem forte influencia na prática de ensino; influência esta que deve ser reconhecida como necessária para suporte de trabalho realizado em sala de aula, no entanto, é preciso que os professores estejam alertas as qualidades, à coerência, à coesão e à restrição que apresenta em relação aos objetivos educacionais propostos.

É importante pensar que as possibilidades de trabalho estão vinculadas diretamente à escolha e disponibilidade de materiais possíveis na escola ou não.

Os cursos de formação têm também adotado a prática no que diz respeito ao uso do materiais didáticos de modo a criar uma referência, trabalhar com a pluralidade, com textos diferentes, de fontes, gêneros e naturezas diversas, que é, aliás, como lemos cotidianamente o mundo: estabelecendo relações entre os “textos”, os quais nos deparamos o tempo todo.

Consideramos que apenas contextualizando a discussão sobre a seleção e uso de materiais didáticos no âmbito do gerenciamento de situações didáticas eficazes para o aprendizado, ampliando-a, incluindo nela o questionamento e revisão do conceito de “livro didático”, enfatizando o uso e a multiplicidade, mas se não se proporcionar ao professor a oportunidade de aprender, assim, poucas serão as chances de mudanças e o material didático continuará restrito basicamente ao livro didático. Usado mecanicamente pelo professor, que muitas vezes nem percebe em qual concepção está embasado, em nada, contribuindo para a formação plena do estudante.

Segundo o professor Paulo Nunes de Almeida, autor de cartilhas construtivistas “os caminhos podem não ser adequados, de acordo com as habilidades do alfabetizador”, diz ele “para quem se prepara para o trabalho, qualquer método trarás bons resultados”.

Após a análise dos textos livro didáticos adotados para a II fase do I ciclo chegamos a perceber que os mesmos estão embasados na concepção de linguagem como processo de “interação” verbal, pois a professora pode trabalhar o texto envolvendo-o num contexto linguístico e extralinguístico ato da fala e escrita, mas não deixa de estar presentes a outra concepção pelos encaminhamentos que são dados as atividades de fixar a aprendizagem.

Mas é valido constatar que os livros de alfabetização já não são mais os mesmos e que nós professores estamos numa fase de mudança de mentalidade por começar a assimilar mesmo num plano teórico novo objetivo para ensino e consequentemente partindo de um novo olhar sobre o livro didático.

1. **REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO**

Boletim. Salto para o futuro. Literatura e temas transversais, TV. Escola. Setembro, 2001

BRAGANÇA, Angiliona Domanico e Carpaneda, Isabella Pessoa de melo. Alfabetização: Vida Nova: Contextualizando a escrita> São Paulo: FTD, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguistica. Edt. Scipione, 1989-189p.

FARIA, Ana LúciaO. de. Ideologia do livro didático, 11ª ed. São Paulo: cortez Editora, 1994. (Coleção questão da nova época: v-37)

FEIL, Iselda Terezinha Sausen. Alfabetização- Um desafio nvo para um novo tempo. Ijuí, Vozes/FIDENE, 1986.168p.il.21 cm.

FRANCO, Angela. ALVES, Angela Cristina Souza. ANDRADE, Rosda Maria Calds de. Construtivismo. Uma ajuda ao professor. Belo Horizonte, MG. ED. LÊ; 1994.

FRANCHI, Eglê pontes. Pedagogia da alfabetização: da oralidade à escrita. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MOLL, Jaqueline Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender POA. Mediação. 1996

NOSELLA, Maria de Lourdes Cjagas Deiró. As belas mentiras: as ideologias subjacentes aos textos didáticos. ED. Moraes, 1978.

PERSONA, Rosa Maria Jorge e Ana Arlinda de Oliveira. Caderno do alfabetizador. Cuiabá MT: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, 1997. 196 p. il...(série alfabetização e cidadania).

POSSARI, Lucia Helena Vendrúsculo e NEDER, Maria Lucia Cavalli. Linguagem ( o ensino: o entorno, o percurso) Fascículo 3. Cuiabá MT. ED. UFMT, 2001. 73 p.il.

SOARES, Magda Becker. In: apostila, 1998. O que é letramento e alfabetização. Belo Horizonte MG. ED. Autêntico. http/moderna.com.br.escola prof art 53 htm.